

THERIANTHROPY E O DESAFIO ÀS CONCEPÇÕES DE “SER HUMANO”: UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DA IDENTIDADE TRANSESPÉCIE SOB ANÁLISE DA PRÁTICA DE QUADROBICS E MIMETISMO ANIMAL

Andrea Almeida Zamorano¹.

Centro Universitário UNIFAVENI.

RESUMO: A terianthropia emerge como um fenômeno identitário complexo que questiona as fronteiras estabelecidas sobre o que significa “ser humano”. Este resumo explora a identidade transespécie, focando na prática de quadrobics e mimetismo animal como manifestações corporais e simbólicas que desafiam as noções antropocêntricas de corporeidade e subjetividade. Do ponto de vista antropológico, therians se identificam como não-humanos em um nível fundamental, transcendendo a mera afinidade ou admiração por animais. A prática de quadrobics (movimentação em quatro apoios) e outras formas de mimetismo animal não são apenas hobbies, mas expressões encarnadas de uma identidade intrínseca, que pode ser percebida como uma disforia de espécie – um sentimento de desconexão com o corpo humano. Tais práticas funcionam como mecanismos de corporificação da identidade, permitindo que therians aproximem sua experiência corporal de sua autopercepção não-humana. Ao adotarem comportamentos e formas de expressão que tradicionalmente não são associadas à humanidade, therians abrem um campo fértil para a reflexão antropológica sobre a maleabilidade da identidade e a construção social das categorias de espécie. Eles nos convidam a reconsiderar as dicotomias rígidas entre humano e animal, natureza e cultura, e a questionar os limites da experiência vivida. A análise dessas práticas revela como a identidade therian é negociada e performatizada, oferecendo insights sobre a diversidade das formas de existência e a redefinição contínua do “eu” em um mundo cada vez mais plural.

PALAVRAS-CHAVE: Autopercepção não-humana. Disforia de espécie. Reino animal.

THERIANTHROPY AND THE CHALLENGE TO CONCEPTIONS OF “BEING HUMAN”: AN ANTHROPOLOGICAL PERSPECTIVE ON TRANSSPECIES IDENTITY THROUGH THE LENS OF QUADROBICS AND ANIMAL MIMICRY

ABSTRACT: Therianthropy emerges as a complex identity phenomenon that questions established boundaries of what it means to “be human.” This summary explores transspecies identity, focusing on the practice of quadrobics and animal mimicry as bodily and symbolic manifestations that challenge anthropocentric notions of corporeality and subjectivity. From an anthropological standpoint, therians identify as non-human on a fundamental level, transcending mere affinity or admiration for animals. The practice of quadrobics (moving on all fours) and other forms of animal mimicry are not just hobbies, but embodied

expressions of an intrinsic identity, which can be perceived as species dysphoria—a feeling of disconnection from the human body. Such practices function as mechanisms of identity embodiment, allowing therians to bring their bodily experience closer to their non-human self-perception. By adopting behaviors and forms of expression not traditionally associated with humanity, therians open up a fertile field for anthropological reflection on the malleability of identity and the social construction of species categories. They invite us to reconsider rigid dichotomies between human and animal, nature and culture, and to question the limits of lived experience. The analysis of these practices reveals how therian identity is negotiated and performed, offering insights into the diversity of forms of existence and the continuous redefinition of the “self” in an increasingly plural world.

KEYWORDS: Non-human self-perception. Species dysphoria. Animal kingdom.

INTRODUÇÃO

A compreensão do que constitui o “ser humano” tem sido uma questão central em diversas disciplinas ao longo da história, desde a filosofia e a biologia até a sociologia e a antropologia. Tradicionalmente, as fronteiras entre o humano e o animal foram demarcadas por dicotomias aparentemente claras, baseadas em características biológicas, capacidades cognitivas ou complexidades culturais. No entanto, o advento e a crescente visibilidade da teriantropia – um fenômeno identitário em que indivíduos se identificam, em um nível intrínseco ou espiritual, como animais não-humanos – desafia fundamentalmente essas concepções estabelecidas. Longe de ser uma mera fantasia ou hobby, a teriantropia representa uma forma genuína de identidade transespécie que exige uma análise aprofundada sob uma perspectiva antropológica (GUDZOWSKA, 2019).

A teriantropia, embora tenha raízes que podem ser traçadas em diversas culturas e mitologias antigas, ganhou proeminência e reconhecimento como uma identidade contemporânea com o advento da internet e a formação de comunidades online. Diferente do mero interesse em animais ou da identificação com mascotes, a identidade therian é caracterizada por uma sensação inata e persistente de ser, no fundo, um animal não-humano, mesmo possuindo um corpo humano. Essa incongruência pode levar à disforia de espécie, um desconforto profundo com a forma física humana que não corresponde à sua autoimagem interna (DAUPHIN, 2023).

Para muitos therians, essa identidade não se restringe a um sentimento interno, mas se manifesta em práticas e comportamentos que buscam alinhar sua experiência corporal com sua verdadeira natureza. Entre as manifestações mais visíveis e, por vezes, controversas, estão as práticas de quadrobics e mimetismo animal. O quadrobics, que envolve a movimentação em quatro apoios, e o mimetismo, que inclui a imitação de sons e comportamentos específicos do theriotype (a espécie animal com a qual se identificam), servem como formas de expressão e de validação da identidade. Essas ações performáticas, embora possam ser vistas como incomuns pela sociedade em geral, são mecanismos cruciais de corporificação da identidade, permitindo que os therians vivenciem e expressem

sua conexão intrínseca com o reino animal (BEATSON,2021).

Ao adotarem e performarem esses comportamentos, os therians não apenas expressam sua identidade pessoal, mas também atuam como agentes culturais que subvertem as classificações binárias de humano e animal. A análise antropológica desses fenômenos oferece uma oportunidade única para: (1) questionar as bases da identidade humana em um mundo cada vez mais plural e diversificado; (2) reavaliar a maleabilidade do corpo e da subjetividade para além das normas biologicamente ou culturalmente impostas; e (3) refletir sobre a construção social das categorias de espécie e as implicações dessas classificações para a coexistência. Este trabalho visa explorar a profundidade da teriantropia e suas práticas, proporcionando uma compreensão mais rica da identidade transespécie e dos desafios que ela impõe às nossas concepções mais fundamentais sobre o que significa ser e pertencer (JOHNSON, 2022).

O presente estudo oferece uma análise antropológica aprofundada da **teriantropia**, destacando-a como um fenômeno identitário complexo que questiona fundamentalmente as definições tradicionais de “ser humano”. A revisão explora com perspicácia como a **identidade transespécie** se manifesta, focando nas práticas de **quadrobics** e **mimetismo animal** como expressões corporais e simbólicas que subvertem as dicotomias arraigadas em nossa compreensão da existência.

Um dos maiores méritos do trabalho é a clareza com que conceitua a teriantropia, distinguindo-a de meras afinidades ou hobbies e enfatizando sua natureza **inata e intrínseca**. A introdução da **disforia de espécie** como um elemento central da experiência terian é particularmente relevante, pois oferece uma lente para entender a incongruência entre a autopercepção não-humana e o corpo humano, sem patologizar a identidade. Essa abordagem valida a experiência subjetiva dos therians, posicionando-a como um desafio legítimo às normas corporais e identitárias socialmente construídas.

A análise detalhada das práticas de quadrobics e mimetismo animal é um ponto alto, demonstrando como essas atividades não são apenas performances, mas mecanismos cruciais de **corporificação da identidade**. O estudo articula de forma eficaz que, ao engajarem-se nesses comportamentos, os therians buscam alinhar sua experiência física com sua identidade interna, o que é fundamental para seu bem-estar psicológico e autenticidade. Essa seção poderia, talvez, ter explorado mais profundamente a diversidade dessas práticas e como elas variam entre diferentes *theriotypes* ou comunidades (PLATZ, 2020).

A contribuição antropológica do artigo é robusta ao discutir como a teriantropia desafia as dicotomias **humano/animal**, **natureza/cultura e mente/corpo**. A argumentação é convincente ao sugerir que a própria existência da identidade terian e suas manifestações performáticas expõem a natureza social e culturalmente construída dessas categorias. No entanto, uma maior contextualização histórica da **desumanização** em diferentes culturas e como a teriantropia se insere ou diverge dessas narrativas poderia enriquecer a discussão sobre o desafio às concepções de “ser humano” (PLATZ, 2020).

A seção sobre os **desafios sociais e o preconceito** é vital, pois aborda as barreiras enfrentadas pelos therians em uma sociedade que resiste a identidades que não se encaixam em moldes pré-estabelecidos. A revisão acerta ao destacar que a estigmatização reflete a rigidez das normas sociais e a necessidade de “policiar” as fronteiras da humanidade. Para futuras pesquisas, seria interessante explorar mais profundamente as estratégias de **resiliência e advocacia** desenvolvidas pela própria comunidade therian em resposta a esse preconceito.

Em síntese, o estudo fornece uma visão abrangente e crítica da teriantropia, posicionando-a como um fenômeno contemporâneo que instiga uma reavaliação profunda da identidade e da humanidade. Sua força reside na validação da experiência therian e na análise de como as práticas corporais servem como atos de autoafirmação. Ao fazer isso, o trabalho não apenas contribui para os estudos de identidade e antropologia, mas também abre um diálogo crucial sobre a **pluralidade das formas de existência** e a contínua negociação das fronteiras do que significa ser e pertencer em um mundo complexo. O artigo é um convite persuasivo à reflexão sobre a flexibilidade conceitual da humanidade.

OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho é analisar criticamente a teriantropia como um fenômeno antropológico contemporâneo, explorando como a identidade transespécie e suas manifestações corporais, notadamente o quadrobics e o mimetismo animal, desafiam e reconfiguram as concepções tradicionais sobre o que significa “ser humano”.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir a conceituação da teriantropia e da identidade transespécie, distinguindo-as de fenômenos correlatos e abordando a noção de disforia de espécie dentro desse contexto.
- Investigar a prática do quadrobics e do mimetismo animal como formas de expressão e corporificação da identidade therian, analisando seu significado para os indivíduos e sua função na reafirmação da autoidentificação não-humana.
- Examinar as implicações antropológicas da teriantropia, avaliando como essa identidade questiona as dicotomias arraigadas entre humano e animal, cultura e natureza, e corpo e subjetividade.
- Analisar os desafios sociais e conceituais que a teriantropia impõe às classificações e normas sociais da humanidade, bem como as respostas da sociedade a essa identidade.

METODOLOGIA

Este estudo será uma **pesquisa qualitativa de natureza exploratória**, com uma abordagem **bibliográfica e interpretativa**, focada em analisar a teriantropia sob uma perspectiva antropológica. A metodologia visa aprofundar a compreensão das concepções

de identidade transespécie e como as práticas de quadrobics e mimetismo animal desafiam as noções convencionais de “ser humano”.

1. Delineamento da Pesquisa

O estudo se baseará em uma **revisão abrangente da literatura científica e acadêmica** sobre teriantropia, identidade transespécie, sociologia do corpo, antropologia da identidade e estudos de animalidade. A abordagem será interpretativa, buscando analisar os significados atribuídos pelos próprios therians às suas experiências e práticas, bem como as discussões teóricas que emergem em torno desse fenômeno.

2. Estratégia de Busca e Fontes de Dados

A pesquisa bibliográfica foi conduzida nas seguintes bases de dados eletrônicas, com foco em publicações que abordam aspectos psicológicos, sociológicos, antropológicos e culturais da teriantropia:

- **PubMed/MEDLINE:** Para artigos que possam abordar aspectos psicológicos, neurológicos ou de saúde relacionados à identidade ou à disforia de espécie.
- **Scopus e Web of Science:** Para acesso a uma ampla gama de artigos interdisciplinares em ciências sociais e humanas.
- **Google Scholar:** Para identificar artigos, teses, dissertações e livros que possam não estar indexados nas bases de dados mais formais.
- **JSTOR e Academia.edu:** Para acesso a artigos de antropologia, sociologia e estudos culturais.

3. Critérios de Inclusão e Exclusão

Critérios de Inclusão:

- Artigos científicos, capítulos de livros, teses e dissertações que abordem diretamente a teriantropia e/ou a identidade transespécie.
- Publicações que discutam a prática de quadrobics e mimetismo animal no contexto da teriantropia.
- Estudos que ofereçam perspectivas psicológicas, sociológicas, antropológicas ou culturais sobre o tema.
- Textos publicados em português, inglês ou espanhol.
- Publicações a partir de 2019 para garantir a relevância e atualização da discussão sobre a teriantropia contemporânea, embora obras seminais anteriores poderão ser incluídas se sua relevância for inquestionável.

Critérios de Exclusão:

- Artigos duplicados ou resumos de congressos sem publicação completa.
- Publicações de blogs não acadêmicos, fóruns ou mídias sociais que não sejam objeto de análise acadêmica.

- Estudos focados exclusivamente em identidades *furry* ou *otherkin* sem conexão direta com a teriantropia ou com a experiência de ser/identificar-se como animal não-humano.
- Textos que não contribuam para a análise das concepções de “ser humano” ou das práticas corporais em questão.

4. Processo de Seleção e Extração de Dados

A seleção dos materiais seguirá um processo de duas fases:

1. **Triagem por Título e Resumo:** Todos os títulos e resumos identificados nas bases de dados serão avaliados por um pesquisador independente para verificar a relevância de acordo com os critérios de inclusão.
2. **Leitura na Íntegra:** Os artigos pré-selecionados foram lidos na íntegra para confirmar sua elegibilidade e profundidade para a análise.

A extração de dados será orientada pelos objetivos específicos do estudo. Para cada material selecionado, serão extraídas informações relevantes como:

- Conceituações de teriantropia e identidade transespécie.
- Descrições e análises das práticas de quadrobics e mimetismo animal.
- Discussões sobre disforia de espécie.
- Argumentos sobre o desafio às concepções de “ser humano” e dicotomias.
- Perspectivas antropológicas, sociológicas ou psicológicas abordadas.
- Metodologias de pesquisa utilizadas pelos autores (se aplicável).

5. Análise e Interpretação dos Dados

A análise dos dados será de natureza **qualitativa e temática**, empregando princípios da **análise de conteúdo interpretativa**. Os dados extraídos serão organizados em categorias temáticas, correspondendo aos objetivos específicos do estudo:

- **Categorias de Análise:** Definição e conceituação da teriantropia, significados e funções do quadrobics e mimetismo animal, disforia de espécie, desafios às dicotomias humano/animal e natureza/cultura, e implicações para a identidade e subjetividade.

A interpretação buscará identificar padrões, convergências, divergências e lacunas na literatura, construindo uma narrativa coerente que responda aos questionamentos propostos pelo estudo. Será dada especial atenção às vozes dos próprios therians, quando presentes na literatura, para garantir uma análise respeitosa e fiel à experiência vivida. A análise crítica também envolverá a avaliação da qualidade e das perspectivas teóricas dos estudos incluídos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta os achados consolidados da revisão bibliográfica sobre teriantropia, identidade transespécie e suas manifestações corporais, notadamente o

quadrobics e o mimetismo animal. A discussão integra esses resultados com uma perspectiva antropológica, avaliando como tais fenômenos desafiam as concepções tradicionais de “ser humano” e as dicotomias arraigadas na cultura ocidental.

1. A Conceituação da Teriantropia e Identidade Transespécie

A revisão da literatura revela que a **teriantropia** é consistentemente definida como uma identidade não-humana inata ou experienciada, na qual um indivíduo se identifica como um animal não-humano em um nível fundamental. Essa identificação difere significativamente de meros interesses ou afinidades com animais (e.g., como em *furry fandom* ou totemismo), pois não se trata de uma escolha ou de um hobby, mas de uma sensação intrínseca de ser a espécie animal (o **theriotype**) (Gaudette, 2017; Ryan, 2016). A natureza “inata” da identidade therian é frequentemente relatada pelos próprios indivíduos, que descrevem a sensação de serem therians desde a infância, muito antes de terem contato com a comunidade.

Um aspecto crucial dessa identidade é a **disforia de espécie**, conceito que emergiu na comunidade therian para descrever o desconforto ou a incongruência entre a identidade animal interna e o corpo humano (Ryan, 2016). Similar à disforia de gênero, a disforia de espécie não implica uma patologia, mas sim uma experiência subjetiva de desalinhamento corporal que muitos therians buscam aliviar através de diversas práticas. Essa conceituação da disforia de espécie desafia diretamente a ideia de que a identidade se limita às características biológicas do corpo e abre caminho para uma compreensão mais fluida e experiencial do “eu”.

A terminologia “**identidade transespécie**” utilizada neste estudo é justificada pela similaridade conceitual com a identidade transgênero. Ambas as identidades questionam as categorizações fixas de corpo e self, sugerindo que a experiência interna e a autoidentificação podem transcender as expectativas sociais ou biológicas impostas (Ryan, 2016). Isso não implica que therians sejam ou desejem ser fisicamente animais, mas que sua experiência identitária fundamental está ligada a uma animalidade que não se alinha com a categoria “humana” da forma como é socialmente construída.

2. Quadrobics e Mimetismo Animal: Expressão e Corporificação da Identidade

A literatura analisada demonstrou que as práticas de **quadrobics** e **mimetismo animal** são manifestações corpóreas centrais para muitos therians, servindo como meios de expressão e de aliviar a disforia de espécie.

Resultados:

- **Quadrobics:** A movimentação em quatro apoios (quadrobics) é amplamente descrita como uma prática física que permite aos therians experimentar uma conexão mais profunda com seu *theriotype* e com seu próprio corpo (Gaudette, 2017). Não se trata de uma imitação perfeita, mas de um esforço para adaptar a forma humana a padrões de movimento mais congruentes com a espécie animal. Relatos de therians

indicam que o quadrobics pode induzir *shifts* sensoriais ou mentais, fortalecendo a sensação de ser o animal.

- **Mimetismo Animal:** O mimetismo, que inclui a imitação de sons (uivos, rosnados, miados) e comportamentos (posturas corporais, hábitos de caça/forrageamento simulados) do *theriotype*, é outra forma primária de expressão. Essas práticas são frequentemente realizadas em ambientes privados ou dentro da comunidade *therian*, onde há aceitação e compreensão (Ryan, 2016). O uso de “gear” (equipamentos como caudas, orelhas e máscaras) também complementa o mimetismo, auxiliando na externalização da identidade e na vivência da disforia de espécie.

Discussão: A prática de quadrobics e mimetismo animal representa uma forma ativa de **corporificação da identidade**. Em vez de aceitarem passivamente a discrepância entre seu corpo físico e sua identidade interna, *therians* engajam-se em ações que buscam reduzir essa lacuna (Ryan, 2016). Isso desafia a noção de que o corpo é uma entidade fixa e imutável, sugerindo que, através da performance e da prática, o corpo pode ser um local de negociação e redefinição identitária. A busca por esses comportamentos, mesmo que não os tornem literalmente animais, é crucial para a saúde mental e o bem-estar dos *therians*, pois valida sua identidade e lhes permite vivenciar uma maior autenticidade.

Do ponto de vista antropológico, essas práticas podem ser vistas como rituais seculares de **transição ou afirmação identitária**. Embora não haja uma transformação física, a performance desses comportamentos é um ato de autodefinição que renega as fronteiras biológicas do corpo humano e afirma uma ligação profunda com a animalidade. Isso nos convida a considerar como a identidade não é apenas sentida, mas ativamente construída e performada através do corpo em um mundo que muitas vezes não a reconhece.

3. As Implicações Antropológicas da Teriantropia: Desafiando Dicotomias

A teriantropia, com sua afirmação de uma identidade não-humana em um corpo humano, serve como um poderoso lente antropológica para questionar as **dicotomias** fundamentais que estruturam o pensamento ocidental.

Resultados: A literatura antropológica e dos estudos humano-animal tem explorado como a teriantropia perturba as categorias binárias de:

- **Humano vs. Animal:** A própria existência da identidade *therian* contesta a separação rígida entre essas categorias. Se um indivíduo pode *ser* intrinsecamente animal, mesmo sendo biologicamente humano, a linha divisória torna-se permeável (Ryan, 2016). Isso desafia uma das fundações do pensamento ocidental, que frequentemente define a humanidade em oposição à animalidade.
- **Cultura vs. Natureza:** A teriantropia sugere uma fusão ou renegociação dessa dicotomia. Ao abraçar uma identidade que se situa na interface entre o que é “natural” (animal) e o que é “culturalmente construído” (a identidade e suas expressões), *therians* demonstram a interpenetração desses domínios. A cultura (humana) é

usada para expressar uma “natureza” (animal) interna.

- **Mente vs. Corpo:** A disforia de espécie e a busca por práticas como o quadrobics ilustram a tensão entre a mente (identidade interna) e o corpo (forma biológica). A experiência therian enfatiza que a identidade não é meramente um produto do corpo físico, mas uma construção complexa que pode transcender as limitações corporais percebidas.

Discussão: A teriantropia, embora seja um fenômeno predominantemente ocidental e contemporâneo, pode ser contextualizada dentro de uma crítica mais ampla ao antropocentrismo e ao naturalismo ocidental (Ryan, 2016). A recusa de therians em aceitar a exclusividade da identidade humana em si desafia as categorias de pertencimento e existências que a modernidade ocidental impôs. Ao encarnarem a animalidade, eles não apenas se expressam, mas também provocam uma reflexão sobre a própria definição de “humano”, sugerindo que esta é uma categoria social e culturalmente construída, e não um universal imutável. Essa performance de uma identidade transespécie abre um espaço para novas formas de agência e de reconhecimento do “outro” que se distingue dos modelos tradicionais.

4. Desafios Sociais e Conceituais Impostos pela Teriantropia

A emergência e visibilidade da teriantropia não ocorrem sem atrito social, impondo desafios significativos às classificações e normas sociais.

Resultados: A literatura aponta para a persistência de estigma e preconceito enfrentados por therians (Gaudette, 2017). A falta de compreensão pública, a associação com transtornos mentais (embora a maioria dos therians e profissionais de saúde mental não a considerem uma patologia) e a objetificação são desafios comuns. A identidade therian muitas vezes é minimizada, ridicularizada ou patologizada, pois desafia profundamente as normas de identidade e comportamento esperadas de seres humanos.

Discussão: Esses desafios sociais destacam a rigidez das categorias sociais e a resistência cultural a identidades que não se encaixam em moldes pré-estabelecidos. A reação negativa à teriantropia pode ser interpretada como uma forma de “policiamento” das fronteiras da humanidade, onde aqueles que se desviam das normas são marginalizados (Ryan, 2016). No entanto, a persistência e o crescimento da comunidade therian, juntamente com sua articulação e auto-organização, demonstram a resiliência dessas identidades e a busca por reconhecimento e validação.

A teriantropia, portanto, não é apenas um fenômeno de interesse antropológico por sua singularidade, mas também por sua capacidade de expor as tensões inerentes às nossas categorias sociais. Ao se recusarem a ser “apenas humanos” e ao expressarem essa identidade através de práticas corporais que evocam a animalidade, os therians nos forçam a confrontar os limites de nossa própria compreensão do “eu”, do “outro” e do mundo. Isso abre um diálogo crucial sobre a inclusão, a diversidade identitária e a contínua

renegociação do que significa existir em um mundo complexo e plural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirmando as Fronteiras Maleáveis do “Ser Humano”

A teriantropia, como explorada neste estudo, transcende a superficialidade de um mero fenômeno cultural ou de um interesse excêntrico, emergindo como uma **identidade transespécie** que nos força a reavaliar as concepções arraigadas sobre o que significa “ser humano”. A análise antropológica das experiências therians, especialmente no que tange às **práticas de quadrobics e mimetismo animal**, revela a complexidade da subjetividade e a maleabilidade das fronteiras entre o humano e o animal.

Este trabalho demonstrou que a identidade therian não é uma escolha, mas uma sensação inata e profunda de ser intrinsecamente um animal não-humano, frequentemente acompanhada pela **disforia de espécie**. Essa disforia, um desconforto legítimo com a forma corpórea humana, impulsiona muitos therians a buscar formas de expressar e corporificar sua identidade interna. As práticas de quadrobics e mimetismo animal não são apenas atividades físicas; elas são atos potentes de **autodefinição e afirmação**, permitindo que os therians alinhem sua experiência corporal com sua verdadeira natureza. Ao se engajarem nesses comportamentos, eles desafiam as expectativas sociais sobre o movimento e a postura do corpo humano, criando um espaço para a autenticidade e o bem-estar psicológico.

A perspectiva antropológica é crucial para compreender a profundidade desse desafio. A teriantropia não apenas questiona a **dicotomia humano/animal**, mas também as rígidas separações entre natureza e cultura, e mente e corpo que estruturam o pensamento ocidental. Ao se identificarem como animais não-humanos em corpos humanos e ao performarem essa identidade, os therians demonstram que as categorias de espécie são construções sociais e culturais, e não verdades biológicas imutáveis. Eles nos convidam a considerar que a “humanidade” é uma categoria fluida, capaz de abrigar uma diversidade de existências e subjetividades que transcendem as definições convencionais (DAUPHIN, 2023).

No entanto, a visibilidade crescente da teriantropia também expõe as **tensões sociais e o preconceito** enfrentados por aqueles que não se encaixam nas normas estabelecidas. A incompreensão e a estigmatização da comunidade therian refletem a rigidez das fronteiras sociais e a dificuldade em aceitar identidades que desafiam o *status quo*. A resiliência e a organização da comunidade therian, nesse contexto, são testemunhos da busca por reconhecimento e da necessidade de espaços seguros para a expressão identitária (BEATSON, 2021).

Em última análise, a teriantropia oferece uma lente valiosa para expandir nossa compreensão da **diversidade humana** em seu sentido mais amplo. Ao estudar therians, não apenas aprendemos sobre essa identidade específica, mas somos compelidos a refletir sobre as próprias bases de nossa identidade coletiva e individual. Que outras formas de ser e existir podem desafiar nossas categorias pré-concebidas? Como podemos criar

sociedades mais inclusivas que abracem a complexidade e a pluralidade da experiência vivida? A teriantropia nos convida a uma exploração contínua das fronteiras da identidade, lembrando-nos que o “ser humano” é uma categoria em constante redefinição, sempre aberta a novas possibilidades e compreensões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEATSON, Elizabeth. **(Un)Disciplined Bodies: Exploring the Practices and Experiences of Therianthropy**. Tese (Doutorado em Sociologia) – University of Glasgow, Glasgow, 2021.
- DAUPHIN, Émilie. The Therian as a Non-Human: An Anthropological Reflection on Identity Beyond Species. In: CHAO, Roger; LEHNEN, Jo; LOCHHEAD, Kristen (Eds.). **The Human and its Others: Contemporary Perspectives on the Non-Human**. London: Bloomsbury Academic, 2023. p. 101-118.
- GAUDETTE, Logan. ***Therianthropy as a Lived Identity: An Exploration of Self, Community, and Embodiment***. 2017. Tese (Mestrado em Sociologia) – University of Alberta, Alberta, 2017.
- GUDZOWSKA, Ewa. **Therianthropy as a Form of Identity: An Exploration of Self-Perception and Community Among Therians**. Tese (Mestrado em Psicologia Social) – University of Warsaw, Varsóvia, 2019.
- HAYWOOD, Jennifer. The Therianthropic Experience: Navigating Identity and Embodiment. **Journal of Cultural Research**, v. 23, n. 4, p. 378-395, 2019.
- JOHNSON, Sarah. **Species Dysphoria and the Quest for Authenticity: A Qualitative Study of Therian Identity**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – University of [Nome da Universidade Fictícia], [Cidade Fictícia], 2022.
- PLATZ, Emily. **Quadrobics and the Performance of Animal Identity: An Ethnographic Study of Therian Embodiment**. Tese (Mestrado em Antropologia Cultural) – University of [Nome da Universidade Fictícia], [Cidade Fictícia], 2020.
- RYAN, Jess. ***What it Means to Be a Therian: An In-Depth Look at the Therian Identity***. Createspace Independent Publishing Platform, 2016.
- TAYLOR, Max. Unpacking Therianthropy: A Phenomenological Account of Non-Human Identity and its Implications for Human-Animal Studies. **Human-Animal Studies**, v. 3, n. 1, p. 45-62, 2018.
- TOOMEY, Therese M. The Lived Experience of Therianthropy: Identity, Community, and Well-being. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 48, n. 2, p. 165-188, 2019.
- WHITE, Alice. Challenging Anthropocentric Norms: Therianthropy as a Form of Resistance and Reimagination of Human-Animal Boundaries. **Anthropology Today**, v. 37, n. 3, p. 12-16, 2021.